

# O SOLDADO JOGADOR LEANDRO GOMES DE BARROS



João M. Bezerro

Parnamirim-RN junho de 2007



Era um soldado francês  
Que se chamava Ricarte  
Jogador de profissão  
*Que* nunca foi numa parte  
*Pra não trazer no seu bolso*  
O resultado da arte.

Os franceses nesse tempo  
Tinham por obrigação  
O militar ou civil  
Seguir a religião  
O Papa deitava a lei  
*Botando em circulação.*

Ricarte, soldado velho  
Com trinta anos de tarimba  
Aonde ele achava *um* jogo  
De lasquinê ou marimba  
Dizia logo: - Eu vou ver  
Água na minha cacimba!

Um dia faltou-lhe o soldo  
Pôs-se Ricarte a pensar  
Onde podia haver jogo  
Que ele pudesse jogar  
Era Domingo e a missa  
Não havia de tardar.

Dinheiro não tinha um "xis"  
A crédito ele nem falava,  
Pois o soldado francês  
Na taberna onde comprava  
Só pegava no objeto  
Porém depois que pagava.

Trocou entrada da missa  
Veio o sargento chamá-lo  
Ricarte ainda pediu  
Para ele dispensá-lo  
Porém o sargento disse:  
- Sou obrigado a mandá-lo!

Ricarte foi para a missa  
Com grande constrangimento,  
Era obrigado a cumprir  
A lei do seu regimento  
Mas não podia afastar  
O jogo do pensamento.

O soldado na igreja  
Chegou, se ajoelhou  
*E do bolso da camisa*  
Um baralho ele tirou  
E endireitando as cartas  
Uma patota formou.

Não viu que tinha atrás dele  
Um sargento ajoelhado  
E ali observou tudo  
Quanto *tinha se* passado  
E disse: - Depois da missa  
*Esteja* preso, soldado!

Efetuando a prisão  
*Ele foi* no mesmo instante  
Com o *tal* soldado preso  
À casa do comandante  
Dizendo ter cometido  
Um crime muito agravante.

- Pronto, senhor comandante  
*Eis* aqui preso um soldado,  
Que foi ao templo ouvir missa  
Lá estava ajoelhado  
Encarmassando um baralho  
Que traz no bolso guardado.

Perguntou-lhe o comandante:  
- Quem deu-te esta criação?  
Disse Ricarte: - Senhor,  
Se ouvisse minha razão  
Eu lhe dizia o motivo  
Que existe pra esta ação.

- Que motivo tem você  
Sabendo que é proibido  
Ignora que o jogo  
No exército é abolido?  
Disse o soldado: - Meu jogo  
Muda muito de sentido.

- Muda de sentido, como?  
Disse Ricarte: - Eu direi;  
- Pois explique como é,  
Porque eu o ouvirei,  
Depois da explicação  
O solto ou castigarei!

Disse o soldado: - Primeiro,  
É preciso confessar  
Que ganho um soldo mesquinho  
E esse soldo não dar  
Para eu comprar um livro  
Para na missa rezar!

- Por isso compro um baralho  
E rezo nele constante.  
- Que reza há num baralho?  
Perguntou o comandante,  
- Há tudo da escritura  
Velha, nova, assim por diante.

Então disse o comandante:

- Você vem errado à mim.

Disse o soldado: - Eu explico,

Do princípio até o fim;

Como é essa oração?

Disse o soldado: - É assim:

- Por exemplo: a carta ás

Que tem um ponto somente,

Faz recordar que existe

Um só Deus Onipotente

Quando chamamos por Ele

O encontramos presente.

- Quando eu pego no 2

Ali premedito eu

Que em duas tábuas de pedra

O Criador escreveu

Quando em sarças ardentes

*Pra* Moisés apareceu.

- Quando eu pego no 3

Me recordo a divindade

Por exemplo: as três pessoas

Da Santíssima Trindade

Que nós todos conhecemos

O Espírito, o filho e o Padre.



- Os 4 lembram-me as quatro  
Marias de Nazaré  
Que foram Maria Alfa  
E Maria Salomé  
Madalena e a Virgem Pura  
Esposa de São José.

- Os 5 me faz lembrar  
Aquele dia de fel  
As cinco chagas de Cristo  
Feitas por mão tão cruel  
Que matou crucificado  
O filho de Deus de Israel.

- Quando eu pego em 6 de ouro  
Faço premeditação  
Seis dias o Senhor gastou  
Na obra da criação  
*Formando tudo que existe*  
Sem em nada por a mão.

- Os 7 lembram-me a hora  
Negra, triste, amargurada  
Os sete passos de Cristo  
Em sua paixão sagrada  
Com sete espadas de dores  
A Mãe de Deus foi cravada.

- Nos 8, vejo as pessoas  
Que no Dilúvio escaparam  
Noé, a mulher, três filhos  
E três noras se salvaram  
O resto as águas cobriram  
Onde todos se afogaram.

- Quando eu pego nos 9  
Vejo na imaginação  
Os nove meses ditosos  
Da divina encarnação  
Que Jesus passou no ventre  
Da Virgem da Conceição.

Quando eu pego nos 10  
Não posso ali me esquecer  
Dez mandamentos ficaram  
Para o mundo se reger  
Os dez se encerram em dois  
Como todos podem vê.

Quando eu pegou no rei  
Me lembro do Rei da Glória  
O ente mais poderoso  
Que já vimos na história  
Que não precisa soldado  
Para alcançar a vitória.



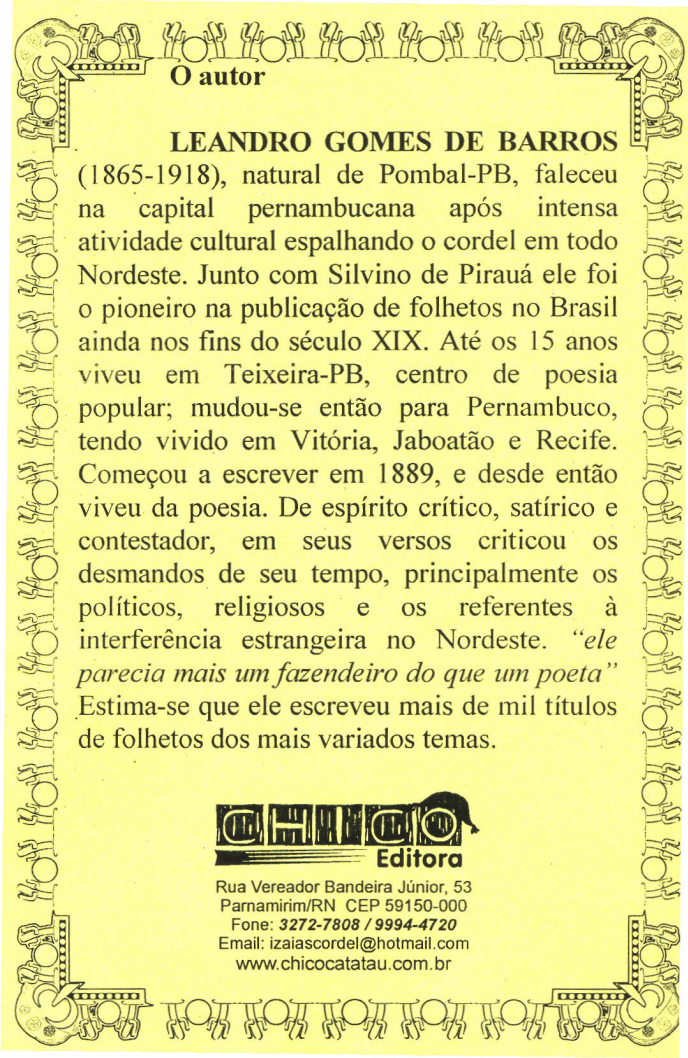
Quando eu pego na *dama*  
Me vem lembrança daquela  
Que toda Jerusalém  
Enriqueceu só com ela  
Aquele que deu a luz  
Ficando a mesma donzela.

Eis aí, meu comandante  
As razões do seu soldado  
Não posso comprar um livro  
Meu soldo é muito mirrado  
Compro um baralho onde rezo  
Porque só custa um cruzado.

Então disse o comandante:  
- Em todas cartas falaste  
Te esqueceste do Valete?  
Foi porquê não te lembraste?  
Não é também uma carta,  
Porquê não apresentaste?

Disse o soldado: essa carta  
É uma carta ruim,  
Eu quando compro um baralho  
Tiro ela e dou-lhe fim  
Tem traços deste sargento  
Que denunciou de mim.

Disse o comandante a ele:  
Ricarte tu és passado  
Teus vinte anos de praça  
Foi tempo bem empregado,  
Vou-te passar a sargento  
E dou-te o soldo dobrado.



## O autor

### LEANDRO GOMES DE BARROS

(1865-1918), natural de Pombal-PB, faleceu na capital pernambucana após intensa atividade cultural espalhando o cordel em todo Nordeste. Junto com Silvino de Pirauá ele foi o pioneiro na publicação de folhetos no Brasil ainda nos fins do século XIX. Até os 15 anos viveu em Teixeira-PB, centro de poesia popular; mudou-se então para Pernambuco, tendo vivido em Vitória, Jaboatão e Recife. Começou a escrever em 1889, e desde então viveu da poesia. De espírito crítico, satírico e contestador, em seus versos criticou os desmandos de seu tempo, principalmente os políticos, religiosos e os referentes à interferência estrangeira no Nordeste. *“ele parecia mais um fazendeiro do que um poeta”* Estima-se que ele escreveu mais de mil títulos de folhetos dos mais variados temas.

**CHICO**  
Editora

Rua Vereador Bandeira Júnior, 53  
Parnamirim/RN CEP 59150-000  
Fone: 3272-7808 / 9994-4720  
Email: [izaiascordel@hotmail.com](mailto:izaiascordel@hotmail.com)  
[www.chicocatatau.com.br](http://www.chicocatatau.com.br)



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).